

## **AÇÕES AFIRMATIVAS NA PUC-RIO: UM PONTO DE PARTIDA OU UM PONTO FINAL?**

**Aluno: Edson de Souza**

**Orientadores: Marco Antonio Villela Pamplona, Silvia Ilg Byington e Clóvis Gorgônio**

### **1.0 - Introdução**

A presente pesquisa é o desdobramento do projeto iniciado no ano de 2020, quando fui admitido como bolsista de iniciação científica do Núcleo de Memória da PUC-Rio e, na ocasião, objetivei investigar o sistema de bolsas de estudo da PUC-Rio, nominado por estudiosos, pesquisadores e ativistas do movimento negro como Sistema de Ações Afirmativas da PUC-Rio. O programa é reconhecido como o primeiro instituído em uma universidade brasileira voltado para o atendimento de alunos negros oriundos das camadas mais vulneráveis da população.

Eu ingressei na universidade em janeiro de 2018, aos 43 anos, filho de um policial militar falecido em 1998, e de uma empregada doméstica. Desde cedo, as circunstâncias que me foram impostas obrigaram-me a priorizar o trabalho e a remuneração para auxiliar no sustento de minha casa. Estudos e a carreira acadêmica ficaram em segundo plano, a ponto de tornarem-se uma possibilidade distante. Em 2015, já um ativista do movimento negro e atuante na área de comunicação do coletivo Justiça Negra – Luiz Gama, que reunia estudantes negros de direito de diversas instituições do Rio de Janeiro, colaborei no “Projeto Diálogos - Mídia e Racismo: a formação da identidade negra no Brasil”, realizado no dia 26 de novembro na PUC-Rio. A mesa foi composta pelas jornalistas Flávia Oliveira e Luciana Barreto e pelas professoras Helena Theodoro e Clarissa Lima, e ocorreu no auditório do oitavo andar da ala Frings, com a intermediação da professora Thula Pires e da então aluna e membro do coletivo Carol Câmara Pires, ambas do Departamento de Direito.

Lembro-me de percorrer os corredores, olhar a vista da sacada, prestar atenção em cada detalhe da Universidade e desejar: “Gostaria de estudar aqui”. Quando em 2017, fiquei desempregado, foi-me oferecida a oportunidade de cursar o ensino superior através das bolsas de estudos concedidas à EDUCAFRO, por meio de convênio firmado com universidades. Não titubeei em escolher a PUC-Rio entre as possibilidades apresentadas. Optei pelo curso de Ciências Sociais e, ao passar no vestibular, ingressei no curso através de bolsa filantrópica, sem nunca ter estudado a matéria de sociologia na vida.

Nos primeiros quatro meses, enquanto ainda não havia formalizado os benefícios cedidos pelo FESP, passei por muitas necessidades na academia. Tive fome, tive de pedir dinheiro emprestado para frequentar as aulas, recebi xerox dos textos que não conseguia baixar como forma de presente dos meus colegas de curso.

Fui muito ajudado. E com o grupo de amigos que ingressaram em situação semelhante, formei laços que reforçaram em mim a convicção de luta por uma sociedade mais inclusiva. Em mim floresceu Ubuntu, a filosofia Bantu que diz: “Que a dor que me feriu, não siga ferindo aquelas e aqueles que vierem depois de mim”. O sentimento que tenho hoje quando penso no tema de Ações Afirmativas é que desde que o Pré-vestibular para Negros e Carentes (PVNC) estabeleceu com a PUC-Rio um convênio para a criação de um programa de bolsas de estudo voltado para alunos negros oriundos das camadas mais vulneráveis da população, Ubuntu vem sendo praticado. A cada geração, novas portas são abertas e obstáculos são transpostos, muito ainda há por se fazer, mas muito foi feito e isso precisa ser contado.

A pesquisa aqui apresentada tem como objetivo refletir sobre o tema das ações afirmativas, utilizando-se da fonte oral, pela perspectiva de quem foi impactado diretamente por esta iniciativa. Trago os relatos de alunos, ex-alunos, professores, funcionários e gestores acerca desta guinada histórica que transformou a Universidade e a nossa sociedade, mas que ainda é o início de um processo de mudança que desde quando foi concebida convive com a ameaça de um fim prematuro.

Este trabalho é realizado por Edson de Souza, graduando de Ciências Sociais da PUC-Rio e bolsista de Iniciação Científica do Núcleo de Memória da PUC-Rio. O Núcleo é vinculado à Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos (VRAC) e coordenado pelo professor Marco Antonio Villela Pamplona, além de contar com os pesquisadores Margarida de Souza Neves, Clóvis Gorgônio, Eduardo Gonçalves e Silvia Ilg Byington; com o fotógrafo Antônio Albuquerque; e atualmente, além de mim, mais três bolsistas de Iniciação Científica: Eric Damião Duarte, Ana Amorim e Juliana Capossoli.

Este relatório é dividido em duas etapas:

- Relatório Técnico: lista as atividades feitas por mim no período de agosto de 2020 a julho de 2021, com um resumo das atividades realizadas coletivamente e individualmente;
- Relatório Substantivo: o texto que consolida o meu trabalho individual na pesquisa.

## **2.0 - Relatório Técnico**

### **2.1 - Atividades em equipe**

No período compreendido neste relatório, o Núcleo de Memória realizou suas atividades no formato de reuniões on-line na plataforma Zoom devido às restrições impostas pelo risco de contágio da pandemia de Covid-19, conforme as recomendações da Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos da PUC-Rio. Foram realizadas as seguintes atividades em equipe:

- Reuniões semanais às segundas-feiras com a participação de toda equipe: coordenadores, pesquisadores e bolsistas e participações esporádicas de convidados que compartilharam experiências e conhecimentos para o auxílio das propostas do Núcleo de Memória da PUC-Rio. As principais atividades constaram da elaboração de projetos, seminários, discussão de textos e composição das agendas de tarefas referentes as demandas do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
- 24/08/2020 - Foi realizado o seminário “Encruzilhadas – segunda sessão” coordenado pela pesquisadora Silvia Ilg Byington, e que contou com debates sobre a vida e morte dos monumentos-estátuas na escalada de protestos iniciados em 2020 após a morte do norte-americano George Floyd. Foram disponibilizados além do texto principal, artigos para a leitura que refletiam acerca dos movimentos antirracistas;
- 10/09/2020 – Participação no XXVIII Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da PUC-Rio, que este ano devido à pandemia foi realizado on-line através da ferramenta Zoom, com apresentação de pôster sobre a pesquisa Ações afirmativas – a memória e o sonho; 14/09/2020 – A equipe relatou as impressões e fez avaliações das Jornadas de Iniciação Científica de 2020 realizadas no Ambiente Virtual;
- 14/09/2020 – A equipe relatou as impressões e fez avaliações das Jornadas de Iniciação Científica de 2020 realizadas no Ambiente Virtual;
- 21/09/2020 – Oficina de fichamento e escolhas de textos para apresentação nos seminários da equipe;
- 05/10/2020 – Planejamento das atividades para o segundo semestre de 2020;
- 19/10/2020 – A equipe fez o debate do texto "Memória, Identidade e Projeto", do livro Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas do antropólogo Gilberto Velho;

- 16/11/2020 – A professora Margarida de Souza Neves coordenou o seminário sobre o texto “Memória” de autoria do historiador Jacques Le Goff. Posteriormente foi realizado um debate sobre o texto;
- 04/11/2021 - O pesquisador Eduardo Gonçalves apresentou o seminário sobre o livro “La memoria amenazada” do filósofo e linguista búlgaro Tzvetan Todorov;
- 01/02/2021 – O pesquisador Clóvis Gorgônio realizou apresentação sobre Metadados para a equipe. Explicou o panorama geral sobre o conceito de metadados e sinalizou as questões particulares de cadastro dos acervos doados para o Núcleo;
- 22/02/2021 – A professora Margarida de Souza Neves coordenou o seminário sobre Coleções. Iniciou o debate com a apresentação de algumas definições sobre a noção de Coleção e propôs um exercício conjunto para estabelecer uma convenção para o cadastro das coleções do Núcleo de Memória. Apresentou uma proposta de ficha de cadastro para equipe analisar, opinar e realizar um exercício a partir da Coleção Maria Luiza e Edgard Amarante, este professor de engenharia da PUC-Rio;
- 01/03/2021 – O bolsista Eric Duarte coordenou o seminário do texto “O rastro e a cicatriz: metáforas da memória” da filósofa Jeanne Marie Gagnebin;
- 08/03/2021 – A pesquisadora Silvia Ilg Byington e a bolsista Ana Amorim apresentaram o seminário do texto “Passados Presentes: mídia, política e amnésia” do crítico alemão Andreas Huyssen;
- 19/04/2021 – O professor Marco Antonio Villela Pamplona apresentou para a equipe a proposta de trabalho com as memórias e narrativas do impacto da pandemia na comunidade acadêmica da PUC-Rio a partir de março de 2020. O projeto realizará a coleta e o trabalho de análise dos registros que foram publicados pelo corpo docente e discente, pesquisadores, funcionários e terceirizados;
- 10/05/2021 – A pesquisadora Silvia Ilg Byington e o bolsista Edson de Souza apresentaram o seminário do texto “O que documenta a fonte oral?”, de autoria da professora Verena Alberti;
- 17/05/2021 – O prof. Marco Antonio Villela Pamplona coordenou o seminário do texto “Antimonumentos: trabalho de memória e resistência”, de autoria do professor Márcio Seligmann-Silva;
- 31/05/2021 – Conversa com o prof. José María Gómez acerca da Introdução do livro “Lugares de memória: ditadura militar e resistências no Estado do Rio de Janeiro”, publicação coordenada por ele e lançada em 2018;
- 14/06/2021 – Entrevista com Anair de Oliveira, ex-funcionária do Departamento de História da PUC-Rio, que abordou sua trajetória antes de ingressar na PUC-Rio e seus 45 anos de trabalho na Universidade;
- 28/06/2021 – A professora Margarida de Souza Neves coordenou o seminário sobre o texto “Entre Memória e História: a problemática dos lugares” do historiador francês Pierre Nora;
- 05/07/2021 – Discussão do projeto Memórias da Pandemia na PUC-Rio, como uma iniciativa que visa constituir um acervo digital com registros voluntários de memórias da pandemia em formato de entrevistas, performance, texto, imagem, entre outros, enviados ao Núcleo, organizados e disponibilizados em site a ser desenvolvido.

## 2.2 - Atividades Individuais

- Confecção da crônica “A Linguagem dos Olhos” para o projeto Relatos da Pandemia do Núcleo de Memória;

- Leitura do livro “Ação Afirmativa na PUC-Rio: A inserção de alunos pobres e negros” da professora Andréia Clapp Salvador;
- Leitura do livro “As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição” organizado pelo mestre em economia Mario Theodoro;
- Leitura do texto “Perspectivas Internacionais sobre a Ação Afirmativa. Conferência Bellagio”;
- Entrevistas em conjunto com a pesquisadora Silvia Ilg Byington com ex-alunos bolsistas, atuais alunos bolsistas, professores e funcionários. Entre eles:
  - Odenilson Argolo de Santana – ex-aluno de Serviço Social e de Teologia;
  - Denise Soares – ex-aluna de Pedagogia e atual mestranda em História;
  - Lady Christina de Almeida – ex-aluna de Ciências Sociais;
  - Lucas Gabriel Cândido de Jesus – aluno de Ciências Sociais;
  - Everaldo de Toledo – aluno de Serviço Social;
  - Ruth Oliveira – ex-aluna de Pedagogia;
  - Leonardo Vieira – ex-aluno de Ciências Sociais;
  - Andréia Clapp Salvador – professora de Serviço Social;
  - Renato Ferreira – ex-aluno de Direito;
  - Aderivaldo Santana – ex-aluno de História;
  - Anair de Oliveira – ex-funcionária do Departamento de História;
- Transcrição das entrevistas realizadas;
- Confecção de dossiês sobre os professores entrevistados e que serão convidados para entrevistas posteriores a serem aproveitadas no projeto de memória das Ações Afirmativas na PUC-Rio, entre eles:
  - Professora Vera Candau (EDU);
  - Professora Andréia Clapp Salvador (SER);
  - Professor Renato Ferreira;
  - Professora Thula Pires (JUR);
- Confecção em conjunto com a pesquisadora Silvia Ilg Byington do roteiro de entrevistas;
  - Assisti e pesquisei vídeos no Youtube e nos canais da PUC-Rio para encontrar falas acerca da lei de Ação Afirmativas e programa de bolsas de estudo da PUC-Rio feitas pelos professores Augusto Sampaio, Vera Candau e Andréia Clapp Salvador;
  - Pesquisa no acervo do jornal O Globo e do Jornal da PUC em busca de imagens e reportagens sobre os ex-alunos bolsistas.

### **3.0 - Relatório Substantivo**

#### **AÇÕES AFIRMATIVAS NA PUC-RIO: UM PONTO DE PARTIDA OU UM PONTO FINAL?**

##### **3.1 - Introdução**

Para quem tem asas nada é pesado. Asas que, como uma dádiva, permitem enxergar um horizonte sem fronteiras em voos cada vez mais altos. Para alguns, esses voos podem se assemelhar ao sonho de Ícaro, como no conto grego, enquanto para outros, representa a vontade de Heru, na mitologia egípcia. Porém, a trajetória que precede o recebimento da dádiva, para muitos possui uma carga que excede as dificuldades encontradas no ambiente acadêmico. São centenas de pessoas que possuem semelhanças nos caminhos trilhados em suas vidas, marcados pela identificação racial e por condições de vida onde o tear que trama o

tecido de nossa sociedade está desalinhado, e as distorções que ele provoca são engrenagens de um sistema pensado para ser excludente.

Tratar do tema de Ações Afirmativas na PUC-Rio transcende a ideia do cumprimento de uma lei que busca reparar os abismos causados por anos de desigualdade social no Brasil, ou das mazelas causadas pelo racismo sistêmico entranhado em nossa sociedade, ou mesmo do conceito de benfeitoria vocacional da instituição. Falo aqui da conjunção de fatores que provocaram a ruptura de padrões e estruturas que conservavam um distanciamento entre realidades distintas, e que trouxe para dentro da Universidade novas formas de enxergar e pensar o mundo.

Em 2008, durante o programa Altas Horas da Rede Globo, o rapper MV Bill deu seu parecer acerca da questão de cotas na universidade:

Não é verdade que todos os brasileiros têm condições de entrar na Faculdade. Não por incapacidade mental, mas todos não estão concorrendo em igualdade. O jovem negro, que mora em favela, tem de tentar conciliar estudo e trabalho. Eu fui vítima disso. Minha mãe esboçava um sorriso muito maior com o dinheiro que eu arrumava na feira, tomando conta de carro, quando vendia jornal do que quando eu mostrava o boletim com boas notas [...] ela preferia me ver com a carteira assinada do que com o boletim com boas notas, com a carteira assinada eu ajudava nas despesas. [...] Você não vê os afrodescendentes representados aqui nesta plateia, eu gostaria muito de ver jovens pretos de favela sentados nessas cadeiras como intelectuais, médicos, advogados, e pra isso eles precisam ingressar na faculdade [...] a universidade traz o conhecimento e tirar a oportunidade dessas pessoas é empurrá-las diretamente para marginalidade, para viver na submissão do trabalho braçal.  
[1]

A expressão Ações Afirmativas foi definida na *International Perspectives on Affirmative Action*, conferência de pesquisadores do tema patrocinada pela Fundação Rockefeller em agosto de 1982 no Centro de Estudos e Conferências de Bellagio na Itália, como “uma preferência especial em relação a membros de um grupo definido por raça, cor, religião, língua ou sexo, com o propósito de assegurar acesso a poder, prestígio e riqueza” [2]. Na trajetória histórica das populações indígenas e negras no Brasil, poder, prestígio e riqueza enquanto elementos que contribuem para um estado de bem viver, autonomia e participação nas decisões que orientam nossa sociedade, sempre foram, com raras exceções, ferramentas restritas ao grupo étnico branco. Negros e indígenas, quer seja de forma arbitrária e também por dispositivos legais, historicamente receberam impedimentos para a conquista de bens e possibilidades que lhes fornecessem acesso às esferas de poder, e isso se somou a narrativas que fundamentaram a subjetividade racista neste país, que desde sempre inferiorizou, desqualificou intelectualmente e desumanizou povos, pessoas e a produção cultural e intelectual daqueles que não eram eurodescendentes caucasianos.

Para uma plena imersão nesta pesquisa, é preciso entender que ações afirmativas não são similares a reparação ou redistribuição. Diferem destes conceitos por não incluir todos os membros de uma etnia prejudicada em seu benefício, ou seja, o pertencimento a um determinado grupo não é o suficiente para que um indivíduo seja beneficiado, existem critérios que devem ser satisfeitos para tal. William L. Taylor, advogado e lobista que advogou pelos afro-americanos durante os movimentos dos direitos civis, e que estava presente à conferência de Bellagio, acrescenta à definição de Ações Afirmativas que “a ação afirmativa tem como função específica a promoção de oportunidades iguais para pessoas vitimadas por discriminação” [3]. Seu objetivo é o de fazer com que os beneficiados possam competir efetivamente por serviços educacionais e por posições no mercado de trabalho.

No ano de 1993, um pequeno grupo formado por religiosos e ativistas do movimento negro, inspirados por modelos de pré-vestibulares comunitários direcionados à comunidade

negra existentes em outros estados, criou na Baixada Fluminense o Pré-vestibular para Negros e Carentes (PVNC). Este tinha como objetivo incluir jovens negros e brancos pobres da periferia nas universidades para cursarem o ensino superior. Já em 1994, conseguiram estabelecer um convênio com a PUC-Rio. Esse esforço transformaria bastante a Universidade. Trataremos deste assunto pela ótica das pessoas que foram alcançadas por esta iniciativa e mostraremos como, através de sua vivência, ajudaram a moldar a instituição como a conhecemos hoje.

Tratar do tema Ações Afirmativas na PUC-Rio tem por objetivo, entender esse processo como um ponto de partida de indivíduos e de nossa coletividade, para alcançar relações e oportunidades iguais. Para construir uma sociedade que respeite seus membros, sua produção cultural e, epistemológica e suas escolhas de vida. Que não marginalize pessoas por estereótipos pré-concebidos a partir de dispositivos construídos para excluir. Esse processo, somado a outros movimentos surgidos na época, marca uma virada histórica na luta pela igualdade de direitos. É expressão do poder das asas e sua metáfora - as asas que levaram Heru a voar tão alto para encontrar-se com o deus Rá (o Sol) e ganhar dele o direito de fitá-lo diretamente.

A onda de retrocesso que se agigantou nestes últimos dois anos poderá culminar com uma ferrenha disputa no ano de 2022, quando a lei de ações afirmativas irá completar dez anos e passará por uma revisão prevista em sua promulgação. Já existem projetos de lei nas duas casas legislativas visando sua descontinuidade, mudança ou continuidade. Não tem cabimento determinar um ponto final a conquistas que ainda não foram consolidadas, e que, mesmo assim provaram, através de seus resultados, constituir um caminho dos mais profícuos para nossa sociedade. O fim dessas políticas e iniciativas se assemelha à desventura do tão brilhante Ícaro, que, uma vez perto do Sol, teve suas asas derretidas e foi impedido tragicamente de alçar voos mais altos.

### **3.2 - A fundação do PVNC e o convênio com a PUC-Rio**

No ano de 1988, foi iniciada na Arquidiocese de Goiânia a Pastoral do Negro, que tinha entre os seus objetivos, conhecer, discutir e avaliar a história do povo negro no Brasil e no Estado de Goiás, e criar condições e possibilidades de tomar um posicionamento consciente e maduro frente à discriminação étnico-racial e à carência de políticas públicas e de ações afirmativas que dessem visibilidade socioeconômica e educacional ao povo negro goiano. Os debates da Pastoral evoluíram até que entre os anos de 1989 e 1992, após várias reuniões na Arquidiocese de São Paulo, nasceu a ideia de um curso pré-vestibular para estudantes negros, que contou à época com o resultado de 200 bolsas de estudo na PUC-SP. Concomitante a isso, a partir de 1986 no Rio de Janeiro, foi criado pela Associação dos Funcionários da UFRJ (atual SINTUFRJ) um curso destinado a preparar trabalhadores para o vestibular. Posteriormente em 1992, foi criado no Instituto Cultural Steve Biko, na Bahia, também foi criado um curso pré-vestibular formado por professores negros que objetivava capacitar a juventude negra das periferias de Salvador. Ainda em 1992, um curso comunitário foi criado para os moradores do Morro da Mangueira, o Mangueira Vestibulares, que possuía o mesmo propósito dos anteriores [4].

Essas iniciativas incentivaram a criação do PVNC em 1993, na Baixada Fluminense. A ideia inicial era capacitar jovens negros para os exames vestibulares da PUC-SP e para as universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro. Os criadores do PVNC, Frei David Raimundo dos Santos, Antônio Dourado, Luciano de Santana Dias e Alexandre do Nascimento, contataram professores e voluntários, e conseguiram duas salas de aula no Colégio Fluminense em Vilar dos Teles, São João de Meriti. Após um intenso trabalho de divulgação, possibilitaram, em cinco de junho de 1993, a fundação do Curso Pré-Vestibular para Negros e Carentes na Igreja da Matriz de São João de Meriti, com uma aula inaugural.

A primeira equipe de professores era formada por Amilton Zama Reis (História); Sílvio (Geografia); Luiz Henrique, o Zé da UERJ, (Biologia); Hermes (Física); Alan (Química); José Roberto (Matemática); Kátia (Redação); Ana Maria (Português); e Amauri (Inglês). O curso iniciou suas atividades com 200 inscritos, sendo a maior parte dos alunos oriunda de pastorais sociais, pastoral da juventude e pastoral de negros. E encerrou o seu primeiro ano com 50 alunos. Naquela época, menos de 2% dos estudantes nas universidades brasileiras eram negros. Destes 50 alunos, 34% foram aprovados, sendo uma aluna para a UFF-Niterói, um aluno para a UFF-Baixada, uma aluna para a UERJ e quatro alunos para a PUC-Rio. Em 1993, o PVNC estabeleceu convênio com a PUC-Rio para a concessão de bolsas de estudos voltadas para os estudantes negros e carentes aprovados em seu vestibular [5].



Figura 1: Frame de vídeo de aula no Pré-vestibular para Negros e Carentes – núcleo Pré-Cezarinho. c.1995. Acervo Cultne.

Para a professora Andréia Clapp Salvador, do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio, o programa de bolsas da PUC-RIO possui três fases, iniciando-se na década de 1960, quando as bolsas eram oferecidas de forma pontual e, em seu ponto de vista, não era tão bem consolidado, com uma perspectiva muito mais assistencialista e filantrópica. O segundo momento ocorre na década de 1990, quando a Universidade entra em um movimento conjuntural da sociedade. Para ela, não se pode pensar no programa de bolsas da PUC-Rio sem pensar na atuação dos movimentos negros, pois neste período houve uma efervescência na luta por políticas de ações afirmativas. Ela destacou em entrevista a marcha Zumbi dos Palmares, ocorrida em 20 de novembro de 1995, em comemoração dos 300 anos de morte de Zumbi dos Palmares, e que mobilizou aproximadamente 30 mil pessoas em Brasília protestando contra o preconceito, racismo e ausência de políticas públicas para a população negra; o seminário internacional “Multiculturalismo e racismo: o papel da ação afirmativa nos estados democráticos contemporâneos”, onde, pela primeira vez, um Presidente da República brasileiro assumiu oficialmente a existência de racismo no Brasil; a criação do Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH), com base no art. 84, inciso IV, da Constituição Federal, pelo decreto nº 1904 de 13 de maio de 1996; e a Conferência de Durban, Conferência Mundial das Nações Unidas contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância), ocorrida de 31 de agosto e 8 de setembro de 2001 em Durban, na África do Sul [6].





Figura 2: Primeira Marcha Zumbi realizada em Brasília. 1995. Fotografia: Fernando Cruz. Acervo Centro Sérgio Buarque de Holanda.

Esta década trouxe uma movimentação muito forte na luta antirracista, e o programa de bolsas da PUC-Rio envolveu a Universidade nessa mobilização. De acordo com a professora Andréia, em um encontro com o então reitor padre Jesus Hortal Sànchez S.J., o Frei David o questionou acerca do papel social da Igreja Católica em prol da camada excluída da população. O padre Hortal afirmou que a PUC-Rio não seria uma ilha, e que não estariam formando intelectuais de excelência se estes não se relacionassem com o mundo. A partir deste momento foi fechada a parceria com o PVNC garantindo que todos os estudantes aprovados pelo pré-vestibular tivessem 100% de bolsa na Universidade, conhecida como Bolsa de Ação Social. Para a professora Andréia, neste momento nasce o programa de Ações Afirmativas da PUC-Rio, a partir da parceria entre Universidade e o movimento social. A terceira fase, segundo a professora, se iniciou em 2004 com a criação do Prouni (Programa Universidade para Todos) instituído pela Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005, onde secretário-executivo do Ministério da Educação à época, Fernando Haddad, afirmou ter sido criado inspirado no programa de bolsas da PUC-Rio.

O professor Augusto Sampaio, Vice-reitor Comunitário, em fala para o Quinquênio Jubilar Arquidiocesano: 80 anos de história e atividades acadêmicas da PUC-Rio, lembrou que havia uma preocupação de sua parte e da parte da professora Luiza Helena Nunes Ermel, do Departamento de Serviço Social, de abrir a PUC-Rio para a população carente. Segundo ele, em 1993, padre Laércio Dias, o convocou e entregou uma carta da CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil) na qual vinha a informação de um projeto franciscano na Baixada Fluminense, o PVNC, pedindo o apoio da Universidade. Decididos a ajudar, eles foram conhecer o projeto em Nilópolis, e ficou acordado que o critério de entrada na Universidade seria a aprovação no vestibular. O professor Augusto conta que, uma vez estabelecido, foram aprovados doze alunos, nove para Serviço Social, um para Filosofia e outro para Pedagogia. O professor Augusto lembra do primeiro grupo de alunos. Afirma que “era um grupo diferente, todos negros. Andavam sempre juntos, um ia ao banheiro, todos iam ao banheiro também, era uma solidariedade, mas que com o tempo foram se espalhando e se integrando muito bem” [7].

Ele conta que foi criada então a Bolsa de Ação Social, que possuía o critério de beneficiar jovens oriundos de famílias com renda per capita de um salário mínimo e meio. Um ano depois, o professor Augusto foi procurado pelo padre Javier Pérez Enciso que dirigia a Pastoral Universitária e junto ao professor Sérgio Nonato do Departamento de



Comunicação, informaram que a gratuidade do ensino não seria suficiente para o aluno pobre estudar, por conta da falta de alimentação e transporte. Então eles tomaram a iniciativa de criar o FESP (Fundo Emergencial de Solidariedade da PUC-Rio), em 1997, que inicialmente era mantido por doações de professores e funcionários. Com o crescimento do número de alunos, a Companhia de Jesus assumiu o financiamento do FESP, até que por razões de ordem legal as iniciativas filantrópicas foram impedidas de receber este tipo de doação e a PUC-Rio passou a manter o programa através da receita do estacionamento e de doações de professores. O professor Augusto revelou que no ano de 2021, até a data de veiculação da *live*, 2.109 alunos bolsistas de perfil filantrópico estavam matriculados na PUC-Rio e entre os critérios de manutenção da bolsa, consta o mínimo de 75% de aproveitamento feito em checagem semestral.

Conforme apontado anteriormente pela professora Andréia Clapp Salvador, o professor Augusto também assinalou que, durante uma reunião em Brasília, o então secretário-executivo do Ministério da Educação, Fernando Haddad, afirmou que o programa de bolsas da PUC inspirou a criação do Prouni:

As bolsas de Ação Social chegaram a ter um total de 1.200 alunos matriculados, quando estávamos eu, o professor Alfredo Jefferson, da Vice-reitoria Acadêmica, o professor Aldair Rocha que é da PUC e também da UERJ e o professor André Lázaro, também da UERJ, em um evento do MEC em Brasília. Nós estávamos conversando com o então secretário de educação Fernando Haddad, o Ministro era o Tasso Jereissati [Tarso Genro], e eu explicava para ele sobre a experiência da PUC com as bolsas de Ação Social. O secretário Haddad disse o seguinte: “É interessante essa experiência da PUC e eu vou pensar no MEC em um sistema de bolsas baseado neste modelo”. [8]

A funcionária aposentada Anair de Oliveira, em sua entrevista lembrou que no momento em que o MEC estava formalizando as leis e regras para a inserção de alunos cotistas e bolsistas nas universidades, houve um temor por parte do professor Augusto de que as novas regras limitassem o número de inclusão de alunos bolsistas na Universidade. Antes, assinalou que não havia critérios rígidos na PUC-Rio para inserção de centenas de alunos em seu quadro, porém, com as regras do Prouni e a criação da Lei de Ação Afirmativa, este numerário poderia mudar e impactar a forma como o projeto era feito [9]. Ainda assim, a limitação não impediu a continuidade do programa, que no decorrer dos anos incorporou novos convênios com projetos similares aos do PVNC, como a Educafro, também fundada pelo Frei David.

### 3.3 - Memórias das Ações Afirmativas na PUC-Rio

A história da Universidade é construída por pessoas. As pessoas que construíram essa história, que tornaram as Ações Afirmativas na PUC-Rio elemento relevante na vida da Universidade e de nossa sociedade, o fizeram a partir de seus projetos pessoais e coletivos. Contribuíram com profundas transformações na episteme acadêmica, e a importância contida na trajetória de cada um traz ricas contribuições para a discussão acerca da mecânica de acesso e promoção social no Brasil em geral. O antropólogo Gilberto Velho, em seu texto “Memória, Identidade e Projeto”, explica a importância da trajetória pessoal: “Nas sociedades onde predominam as ideologias individualistas, a noção de biografia [...] é fundamental. A trajetória do indivíduo passa a ter um significado crucial como elemento não mais contido, mas constituidor da sociedade [10].

Entendo que a memória estabelece as setas que indicam os caminhos a serem percorridos e podem fundamentar o presente. Se antes existia uma Universidade formada predominantemente por pessoas brancas, com um corpo discente predominantemente branco, onde os alunos em sua maioria, teriam origem em famílias de posse e bem estabelecidas do Rio de Janeiro, de outros estados e até de fora do país, isso mudou. A partir do convênio

firmado entre a Universidade e o PVNC (Pré-vestibular para Negros e Carentes) houve a entrada de alunos negros e brancos e pobres, com novas histórias que apresentavam uma complexidade de situações bastante diversas e distantes do que até então vinha sendo vivenciado pelos corpos discente e docente na PUC-Rio.

As entrevistas realizadas neste projeto foram feitas de forma remota através da ferramenta Zoom, na companhia de meus orientadores do Núcleo de Memória da PUC-Rio. Elas estão arquivadas em formato de áudio e vídeo no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio para transcrição e futura disponibilidade para consulta e desdobramento em outros projetos. A importância destes relatos para a pesquisa e para a construção de uma memória das Ações Afirmativas na PUC-Rio é embasada teoricamente através do texto da professora e pesquisadora Verena Alberti, “O que documenta a fonte oral?” [11], em que a autora afirma que através da fonte oral é possível ir além da construção do passado e que esta pode contribuir para uma história objetiva da subjetividade”.

Um dos entrevistados da pesquisa, Odenilson Argolo de Santana, um dos primeiros alunos bolsistas da PUC-Rio a ingressar através do convênio entre a Universidade e o PVNC. Hoje assistente social da prefeitura de Macaé, Estado do Rio, foi aluno dos cursos de Serviço Social e de Teologia a Distância. Quando jovem, aos dezessete anos, saiu da pequena cidade de Itajuípe, no interior da Bahia, que fica a aproximadamente 40 quilômetros de Ilhéus, para o Rio de Janeiro, com o objetivo de estudar na ETVM (Escola Técnica Visconde de Mauá), uma instituição privada que fica no bairro de Marechal Hermes, subúrbio do Rio, e que ele havia conhecido dois anos antes ao visitar uma tia residente no mesmo bairro. Já no Rio de Janeiro, não obteve as oportunidades que sonhava alcançar, foi obrigado a abandonar seu sonho de qualificar-se profissionalmente para trabalhar e auxiliar em casa. Foi estoquista e balconista em uma loja de materiais de construção, estoquista em uma farmácia, *office boy* e camelô, e neste período, ainda persistente, tentou o vestibular e fracassou. Sua devoção católica despertou e moldou sua habilidade para liderar grupos de jovens na Pastoral da Juventude, onde atuou como coordenador e conheceu o Espaço Quilombo, na Igreja Matriz da Pavuna. Nessa experiência, entrou em contato com outras iniciativas que o levaram ao PVNC, um projeto ainda incipiente na época. Odenilson estudou no PVNC, fez prova para o vestibular da PUC-Rio no final de 1994 e passou. Hoje, é especialista em saúde mental, evitando internações em Macaé, assistente social da equipe de desinstitucionalização [12].

Em sua trajetória na Universidade, assim como a de seus colegas de pré-vestibular que nela ingressaram, conheceu os altos e baixos da vida de um discente sem condições financeiras de permanecer estudando em período integral. Passou fome, teve de dividir quentinha com os amigos e granjear dinheiro para o transporte público. Reuniam-se todos os dias na antiga concha acústica da Universidade, para o que chamavam de assembleia, onde aqueles que possuíam dinheiro para ir para casa e voltar para Universidade, dividiam com os seus colegas que nada tinham. Essa situação não passou despercebida por alguns dos funcionários. Ele lembra com gratidão da irmã Rita, que usava a xerox de sua casa para fazer cópias dos livros para os alunos bolsistas, e também da irmã Oneise, que ia até o Departamento de Serviço Social pedir vale-transporte aos professores para ajudar os alunos, e ainda o padre Javier, que fazia uma espécie de vaquinha para os auxiliar.



Figuras 3 e 4: Alunos bolsistas do PVNC na capa do Caderno Baixada do jornal O Globo. O aluno Odenilson Argolo sentado e, ao fundo da esquerda para direita, as alunas Janaína Alves, Cristiane Leal e Rosimar Abreu. 24/11/1996. Fotógrafo desconhecido. Acervo Agência O Globo.

As muitas dificuldades atingiam casos extremos, como os desmaios por fome, em corredores ou em salas de aula. A ex-aluna do curso de Pedagogia, Denise Soares, contou a história de uma amiga que levava uma marmita de metal e almoçava no Bar das Freiras e da dificuldade extrema de permanecer no curso. Ela mesma, no ano de 1997, encontrava-se grávida da primeira filha e alimentava-se de biscoitos que levava para a Universidade. Anair de Oliveira, ex-funcionária e aposentada do Departamento de História, conta que as dificuldades enfrentadas pelos alunos bolsistas não se restringiam somente a alimentação e passagens. Em sua entrevista, ela relata que havia no Departamento a ciência da discrepância das condições de aproveitamento do ensino recebido pelos alunos bolsistas em comparação aos alunos não bolsistas, e que houve uma mobilização de professores e funcionários para fornecer um acompanhamento aos bolsistas. Ela conta que, em algumas ocasiões, recebeu alunos que desabafavam suas tristezas por terem sido excluídos por alunos não bolsistas, que os consideravam incapazes de fazerem parte de seus grupos de estudo, por serem pobres e terem vindo de escolas públicas, uma ideia que não se restringia ao curso de História, como fica evidente no relato de Denise Soares:

Quando eu entrei na sala de aula pela primeira vez, a primeira coisa que eu ouvi foi que o nível da Universidade vai cair por causa da nossa presença. E aquilo ali mexeu comigo porque eu fiquei assim, “Nossa por causa da gente, o nível da Universidade vai cair?” [13]

A professora Andréia Clapp, entende que a instituição não estava preparada para estes alunos, porém, embora houvesse um abismo na possibilidade de aproveitamento do ensino recebido por eles, estes compensavam em empenho, organização e uma verve militante muito forte. Eram muito bem preparados no movimento social e desenvolveram a capacidade do argumento. Para a professora, os alunos bolsistas apresentavam o trabalho oral com uma habilidade que o aluno clássico da PUC-Rio não tinha, e com o passar de pouco tempo, já haviam dominado os instrumentos da Universidade, compensaram suas deficiências, pois tinham, por exemplo, o costume de frequentar assiduamente a biblioteca, se tornando excelentes alunos da instituição [14].

Estes alunos partilhavam um pensamento estruturante no seio familiar de que a educação poderia fornecer a eles a mobilidade social tão sonhada por famílias pobres, embora muitos de seus pais não fizessem ideia do que significava uma Universidade. A construção familiar sólida fortaleceu esta convicção e foi a base que construiu os seus projetos de vida e forjou as suas identidades. Essa auto-percepção de seus lugares na sociedade, e muito da construção de sua identidade, eles creditam à consciência social adquirida nas aulas de cidadania no PVNC. Odenilson relembra que em todas as aulas do pré-vestibular os temas de cultura e cidadania eram ressaltados a fim de preparar bem os alunos para sua entrada e posicionamento na Universidade: “A gente transformava a Pastoral da Juventude em um quilombo universitário”, diz Odenilson em sua entrevista.

Lady Christina de Almeida, ex-aluna do curso de Ciências Sociais, ingressante na PUC-Rio no ano de 1999, tem uma percepção semelhante a Odenilson no que diz respeito ao PVNC. Para ela, o PVNC possuía uma outra perspectiva em relação a outros pré-vestibulares:

Uma das coisas que o PVNC tinha que o diferencia de outros é que ele tinha a aula de cultura e cidadania. Eu lembro que nessas aulas de cultura e cidadania era trabalhado esse olhar que você tem pelo outro, de ouvir, de respeitar. No pré-vestibular era trabalhada uma noção coletiva. Um dos lemas era não tratar o seu colega que intencionava entrar para o mesmo curso como um adversário pela vaga; era uma lógica de pensar “nós iremos entrar juntos”. Havia uma noção de solidariedade e da luta política, da luta dos movimentos negros e de valorizar os escritores negros. [15]

Lady hoje é professora de sociologia da SEDUC-Rio e pesquisadora da educação básica do Instituto Maria Aleixo da Uniperiferias, no Complexo da Maré. No PVNC, Lady teve seu primeiro contato com o movimento negro e tomou conhecimentos das lutas e principalmente a necessidade de que a epistemologia dos negros – escritos de seus autores e intelectuais, e saberes culturais - pudesse ser trabalhada dentro da Universidade. O contato com o movimento e com escritores negros iniciado no pré-vestibular, motivou Lady a buscar conhecimento sobre relações raciais na Universidade, e ela conta que nessa época poucos pesquisadores debruçavam-se sobre o assunto. Desejosa de pesquisar relações raciais com recorte de gênero, procurou a professora Sônia Giacomini, do Departamento de Ciências Sociais, que à época pesquisava as questões femininas e o movimento feminista, e ao integrar o seu grupo de pesquisas iniciaram o estudo sobre relações raciais.



Figura 5: Lady Christina de Almeida, a segunda da esquerda para à direita, na companhia de outros alunos bolsistas no estande do FESP na VI FEVUC (Festival de Valores da Universidade Católica). 2001. Fotografia desconhecido. Acervo Centro da Pastoral Anchieta da PUC-Rio.

Renato Ferreira, formado em Direito pela PUC-Rio em 2001, entrou no PVNC em 1994. Acerca das aulas de cidadania, enfatiza que a sua consciência racial tem dois desdobramentos: antes do pré-vestibular quando, ao relatar que sofreu inúmeros casos de racismo desde a infância nas escolas de Duque de Caxias, e durante a sua adolescência difícil, quando após a perda do pai foi obrigado a trabalhar como servente de pedreiro na companhia de dois tios. Renato conta que um dos motivos que o levou a estudar foi o fato de ser negro. Ele via amigos próximos, seus tios e parentes, todos negros, sem estudo. Tudo ao seu redor conspirava para que ele se tornasse um operário, e ele não queria isso. Ele conheceu o pré-vestibular através de atividades que exercia na igreja, e quando chegou ao PVNC, lhe foi acrescentada uma consciência antirracista. Em suas palavras, “o pré-vestibular era um celeiro de ativistas, e o movimento negro estava dentro dele”. Ele conta que muitos dos professores do pré-vestibular eram alunos que ainda não haviam se formado, alunos do IFCS/UFRJ e da própria PUC-Rio, e por isso, mesmo professores de português que davam aulas de literatura incluíam a temática da cidadania em suas matérias, pois possuíam histórias similares as dos alunos vindos da Baixada, das favelas ou das periferias, e com isso os incentivaram para a entrada e ocupação de espaços no ambiente acadêmico. Renato explica que o antirracismo aflorou no pré-vestibular pois foi onde ouviu falar das teorias, conheceu autores como o sociólogo Florestan Fernandes, o historiador norte-americano Thomas Skidmore, ouviu sobre democracia racial e Gilberto Freire, ali ele sofreu um processo de desconstrução e a construção de uma cidadania ativa [16].



Figura 6: Curso Direitos Humanos e Relações Raciais ministrado por Renato Ferreira, ao centro da fotografia de camisa branca, na OAB-RJ. 15/09/2018. Fotógrafo: Edson de Souza. Acervo Edson de Souza.

### 3.4 - Nosso quintal

Os primeiros alunos bolsistas oriundos de camadas sociais pobres enfrentaram um choque cultural muito grande em sua chegada a PUC-Rio. Para muitos destes alunos, a ida até a instituição para realizar sua matrícula foi a primeira vez no bairro da Gávea, boa parte deles sequer havia ido alguma vez na região da Zona Sul do Rio, e por isso criaram o costume de estarem sempre juntos, afim de que pudessem dar uns aos outros o suporte necessário, desde o momento da inscrição até a continuidade nos cursos. A falta de reconhecimento nas pessoas ao seu redor reforçava nesses alunos a necessidade de aquilombamento em um ambiente desconhecido e que também estranhava a sua presença. “Na fila da inscrição eu não me reconhecia. Eram pessoas muito diferentes de mim, você não via negros. Apenas o pessoal do PVNC. Eu achava os brancos de lá, com um tom de pele muito diferente dos brancos de onde eu morava, pareciam alemães!” [17], relatou a ex-aluna Lady Christina em sua entrevista.



A professora Andréia Clapp contou a história de um aluno do curso de Geografia que em seu primeiro dia de aula foi abordado por um funcionário que lhe indicou o vestiário dizendo: “Você entra ali e troca a roupa” [18]. No que o aluno lhe respondeu que não estava ali para trabalhar e sim para estudar, o funcionário então ficou emocionado com aquilo, pois ele mesmo nunca havia visto um aluno negro na instituição. Experiência semelhante relata Anair de Oliveira, ao ser questionada sobre o que sentiu quando viu a chegada dos primeiros alunos bolsistas:

A minha felicidade ao ver esses pilotis coloridos foi muito grande. Passar nesses pilotis e poder ver aquelas pessoas ali batalhando o seu espaço. Pra gente que conhece essa origem humilde, de batalha e sacrifício todos os dias, onde você tem de mostrar que também é capaz, foi muito bom! [19]

Embora o programa de bolsas sociais da PUC-Rio já funcione há muitos anos, é possível observar nas novas gerações de bolsistas processos semelhantes aos das primeiras gerações. Para Lucas Gabriel, aluno do curso de Ciências Sociais que ingressou no ano de 2018, o estranhamento em relação ao corpo discente não afetou a sua integração ao ambiente universitário, devido a entrada de outros alunos bolsistas como ele [20]. O fato de ter feito amizades nas reuniões da Educafro, antes de entrar na Universidade, ajudou na socialização com os demais alunos e na disparidade entre as realidades. Já para a ex-aluna do curso de Pedagogia, Ruth de Oliveira, ingressante no ano de 2015 e formada em 2019. Embora não tenha adquirido sua bolsa por um pré-vestibular popular, pois cursou o SEDUC (Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura), a entrada na PUC-Rio se deu de forma tranquila porque a maioria de suas colegas de curso também eram negras [21].



Figura 7: Alunos bolsistas em confraternização na Vila dos Diretórios. 2019. Fotografia desconhecido. Acervo Edson de Souza.

Esse entendimento de que, a necessidade de agrupar-se aos seus semelhantes é um auxílio para integrar-se ao ambiente acadêmico da PUC-Rio, que é predominantemente branco e elitista, fomentou a criação de coletivos como os Bastardos da PUC e o Nuvem Negra. O Coletivo Nuvem Negra desde o seu início, no ano de 2015, estabeleceu como uma de suas premissas a recepção de alunos negros para ambientá-los na Universidade. Entre as suas diretrizes, também existe a luta pela contratação de professores negros, o que no quadro da Universidade tem um quórum baixíssimo e a inclusão de autores e autoras negras no currículo acadêmico, que trabalhem a epistemologia africana e afro-diaspórica, pauta que vem sendo discutida desde a chegada dos primeiros alunos bolsistas e que se desenvolveu pouco, apesar de contar com avanços, onde pode-se incluir a criação do NIREMA (Núcleo Interdisciplinar de Reflexão e Memória Afrodescendente). O Núcleo realiza estudos, pesquisas e busca documentar as relações étnico-raciais brasileiras e compreender através de estudos comparativos da realidade de outras nações e a temática afrodescendente no Brasil.

De certo, o ambiente acadêmico da PUC-Rio tornou-se um local de disputa para a entrada de uma realidade que o aproximasse da diversidade brasileira, de suas cores, dificuldades, glórias e alegrias. E esse local ainda está em disputa, o que não faça dele um ambiente acolhedor, de trocas amorosas, de memórias que dão afago, o nosso quintal como diziam os antigos bolsistas. A PUC-Rio testemunhou todo o período de gravidez de Denise Soares, nela foi o seu chá-de-bebê realizado por suas colegas de turma, e anos mais tarde este mesmo bebê se formou como bolsista do curso de Design na mesma Universidade de sua mãe. Na PUC-Rio, Odenilson Argolo realizou junto aos seus colegas bolsistas da época, a Primeira Semana de Consciência Negra da PUC-Rio e encerrou o evento com a bateria da Escola de Samba São Clemente. Outros entrevistados desta pesquisa, como Aderivaldo de Santana, um menino pobre da favela do Cesarão na Zona Oeste do Rio, que vivia com a mãe nordestina e mais nove irmãos e que tinha o costume de subir num pé de goiabeira quando estava triste para pensar na vida, concluiu a graduação em História com bolsa de ação social na PUC-Rio, tornou-se professor universitário, um militante da questão social do negro no Brasil e uma referência para jovens e crianças do seu antigo bairro, que puderam enxergar através de sua experiência uma porta de saída de uma realidade sofrida e sem perspectivas. Já Ruth de Oliveira pode dar orgulho, seu último presente à sua mãe, falecida um mês após a sua formatura no curso de Pedagogia. A disputa pelo ambiente acadêmico da PUC-Rio nunca foi para que a casa seja tomada, é para que os móveis sejam realocados para que caibam todos dentro.



Figura 8: Ato contra o racismo nas universidades brasileiras realizado nos pilotis da Ala Kennedy por alunos negros do Coletivo Nuvem Negra da PUC-RIO, UFF, UERJ, UFRJ e CEFET. 09/2018. Fotógrafa Juliana do Nascimento. Acervo Coletivo Nuvem Negra.



#### 4.0 - Conclusão

As próximas etapas de minha pesquisa trarão mais uma rodada de entrevistas com alunos e ex-alunos bolsistas, professores, funcionários e gestores que fizeram e fazem parte da história das Ações Afirmativas na PUC-Rio. O objetivo é que os registros colhidos sejam transformados no projeto Memória das Ações Afirmativas na PUC-Rio, a ser incorporado ao acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio, para acesso ao público, tornando este documento um importante registro da história da Universidade e do processo de Ações Afirmativas no Brasil.

Sancionada em 2012, a Lei 12.711/2012 (Lei de Ação Afirmativa) conhecida popularmente como Lei de Cotas, e que prevê cotas para ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio, sofrerá revisão em 2022, quando completará dez anos de vigência.

Desde a sua criação a lei sofre ataques de grupos reacionários e a legitimação de cidadãos não conhecedores de suas diretrizes, e outros conhecedores, mas com intenções dúbias. E existe hoje um sério risco de descontinuidade da lei, ou mudanças significativas em seu texto, que podem refrear enormemente o processo de inserção da população negra e indígena, e também da população branca pobre nas Universidades. O impacto pode ser tamanho que venha a afetar também a inserção de alunos bolsistas nas Universidades particulares.

Em dez anos da Lei de Ação Afirmativa, os resultados estão postos e são indiscutíveis, porém ainda irrisórios frente ao abismo social existente no Brasil. Em vinte nove anos de Ações Afirmativas na PUC-Rio os resultados se fazem estrondosos, mas ainda pouco avançamos na consolidação de uma sociedade mais igual. E as estatísticas são sumariamente imprescindíveis para a comprovação disso. Mas em uma sociedade onde a denegação do racismo é quase uma regra social, as memórias revisitadas de pessoas que tiveram as suas realidades transformadas e que transformaram a realidade institucional da PUC-Rio, podem se somar às muitas vozes que bradam pelo direito de todos possuírem asas para voos mais altos e distantes, pois para muitos as asas não são uma dádiva, são uma conquista.

Você lembra, quando estávamos todos sentados no chão, perto da porta, e você disse: “Quando eu fizer quinze anos vou embora para o Rio de Janeiro”. Seu pai disse: “Daqui ninguém sai, antes de dezoito anos sem um canudinho”. Você ficou calado, não falou nada, enfiou a cara no livro, estudou, terminou seu segundo grau, não tinha nem dezoito anos, foi embora para o Rio. [...] Então acho que seu pai, de onde estiver, está intercedendo a Deus por você. [Sra. Maria do Socorro Argolo de Santana, mãe de Odenilson Argolo de Santana em áudio enviado no dia da formatura de seu filho]. [22]

#### 5.0 - Referências Bibliográficas

- [1] - MV BILL NO ALTAS HORAS / COTAS RACIAIS - MV Bill, 2008. 1 vídeo (8 minutos e 34 segundos). Publicado pelo canal MV BILL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YNdNJRb1Dt4>. Acesso em: 27 jun. 2021.
- [2] - THE ROCKEFELLER FOUNDATION. International Perspectives on Affirmative Action Bellagio Conference. Bellagio, Itália, ago. 1982. Disponível em: <https://www.rockefellerfoundation.org/wp-content/uploads/Annual-Report-1983-1.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2021.
- [3] – MOEHLECK, Sabrina. Ação Afirmativa: história e debates no Brasil. In: **Cadernos de Pesquisa**, Fundação Carlos Chagas, n. 117, 2002, p. 201. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/NcPqxNQ6DmmQ6c8h4ngfMVx/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 24 jun. 2021.
- [4] – BRITO, Vanessa Silveira de. O Pré-vestibular para negros e carentes (PVNC) e a construção da identidade étnica. In: **Revista Periferia**, UERJ, Rio de Janeiro, v.10, n. 2, jul.-

dez.2018, p. 280. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/18968/25565>. Acesso em: 15 abr. 2021.

[5] - SIMÕES, Paulo Roberto Rodrigues. **Programa Universidade para Todos (ProUni):** mudanças e possibilidades na vida dos sujeitos bolsistas. 2011. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: [http://www.sapientia.pucsp.br//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=13849](http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=13849). Acesso em: 15 abr. 2021.

[6] - SALVADOR, Andréia Clapp. Entrevista concedida a Edson de Souza e Silvia Ilg Byington. Núcleo de Memória da PUC-Rio, Rio de Janeiro, mai. 2021.

[7] - QUINQUÊNIO JUBILAR ARQUIDIOCESANO: 80 anos de história e atividades acadêmicas da PUC-Rio, 08 abr. 2021. 1 vídeo (02 horas e 24 minutos). Publicado pelo canal Teologia a Distância PUC-Rio. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=T5C\\_ArpPIP0&t=6199s](https://www.youtube.com/watch?v=T5C_ArpPIP0&t=6199s). Acesso em: 10 jul. 2021.

[8] - Ibid.

[9] - OLIVEIRA, Anair de. Entrevista concedida a Edson de Souza, Silvia Ilg Byington e Clóvis Gorgônio. Núcleo de Memória da PUC-Rio, Rio de Janeiro, jun. 2021.

[10] - VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. *In:* VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 101.

[11] - ALBERTI, Verena. **O que documenta a fonte oral?** Possibilidades para além da construção do passado. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 1996. Disponível em: [https://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/869.pdf](https://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/869.pdf). Acesso em: 21 jun. 2021.

[12] - SANTANA, Odenilson Argolo de. Entrevista concedida a Edson de Souza e Silvia Ilg Byington. Núcleo de Memória da PUC-Rio, Rio de Janeiro, mai. 2021.

[13] - SOARES, Denise. Entrevista concedida a Edson de Souza e Silvia Ilg Byington. Núcleo de Memória da PUC-Rio, Rio de Janeiro, mai. 2021.

[14] - SALVADOR, Andréia Clapp, Entrevista concedida a Edson de Souza e Silvia Ilg Byington, op. cit.

[15] - ALMEIDA, Lady Christina. Entrevista concedida a Edson de Souza e Silvia Ilg Byington. Núcleo de Memória da PUC-Rio, Rio de Janeiro, mai. 2021.

[16] - FERREIRA, Renato. Entrevista concedida a Edson de Souza e Silvia Ilg Byington. Núcleo de Memória da PUC-Rio, Rio de Janeiro, jun. 2021.

[17] - ALMEIDA, Lady Christina. Entrevista concedida a Edson de Souza e Silvia Ilg Byington, op. cit.

[18] - SALVADOR, Andréia Clapp, Entrevista concedida a Edson de Souza e Silvia Ilg Byington, op. cit.

[19] - OLIVEIRA, Anair de. Entrevista concedida a Edson de Souza, Silvia Ilg Byington e Clóvis Gorgônio, op. cit.

[20] - CÂNDIDO, Lucas Gabriel. Entrevista concedida a Edson de Souza e Silvia Ilg Byington. Núcleo de Memória da PUC-Rio, Rio de Janeiro, jun. 2021.

[21] - OLIVEIRA, Ruth. Entrevista concedida a Edson de Souza e Silvia Ilg Byington. Núcleo de Memória da PUC-Rio, Rio de Janeiro, jun. 2021.

[22] - SANTANA, Maria do Socorro Argolo de. **Formatura de Odenilson Argolo de Santana**. WhatsApp. 2020. 1 mensagem de áudio WhatsApp.